



**RETÓRICA E MEMÓRIA NO PANEGÍRICO AODOM ANTONIO LUIS DE MENEZES,
ATRIBUÍDO A ANTONIO LOPES CABRAL**

Raeltom Santos Munizo¹
Marcello Moreira²

INTRODUÇÃO

O panegírico é uma espécie de poema ou oração laudatória pertencente ao gênero epidítico da retórica, cuja função é celebrar os grandes feitos das ilustres pessoas de uma sociedade. Tal prática letrada era muito cultivada em Portugal no século XVII, e exemplo disso é o panegírico composto, provavelmente, por frei Antônio Lopes Cabral, com vistas a comemorar a vitória obtida pelo exército português, sob o comando de D. Antônio Luís de Menezes, na província de Montes Claros, em 1665.

Essa prática de compor panegíricos às distintas pessoas da sociedade não é mais exercitada na contemporaneidade. Um dos motivos provavelmente está no fato de que esse poema exornativo não teria função, ou melhor, um funcionamento em uma nação como, por exemplo, a portuguesa, na qual o heroísmo cavaleiresco ou belicoso deixou de ser culturalmente imperativo. Por não ser uma prática letrada vigente na contemporaneidade, os panegíricos, assim como as belas letras antigas, carecem de um estudo mais apurados preceitos discursivos que instituíam ou doutrinavam o gênero nos Seiscentos.

Destarte, o trabalho que ora se apresenta, o qual está relacionado com a pesquisa de mestrado que desenvolvemos no programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade-UESB, objetiva estabelecer uma discussão sobre a disposição ou acomodação das partes do discurso retórico no panegírico a D. Antônio Luís de Menezes, atribuído a Antonio Lopes Cabral. Ademais, procurar-se-á apresentar, sumariamente, a relação de certos preceitos retóricos com o objetivo de tal poema em instituir uma memória duradoura daquele que nele é louvado ou figurado.

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atuou como bolsista de Iniciação Científica, realizando estudos sobre determinados tipos de encômios produzidos nos séculos XVI e XVII luso-brasileiro. Endereço eletrônico: munizo_raltom@hotmail.com).

2 Doutor em Literatura Brasileira - USP, Mestre em Filologia e Língua Portuguesa - USP. Professor de Literatura Brasileira da UESB. Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com



METODOLOGIA

Para a consolidação deste trabalho, procurou-se estudar as partes do discurso retóricopanegirical a Dom Antônio Luís de Menezes: exórdio, proposição, narração, confirmação e epílogo, com base nos preceitos instituídos em tratados de retórica da antiguidade, como a *Retórica*, de Aristóteles e a *Retórica a Herênio*, de um anônimo. Também se analisou a disposição do panegírico tendo em vista os preceitos retóricos para a produção desse discurso encomiástico, instituídos pelo padre Bartolomeu Alcaçar, em seu tratado sobre as espécies e a disposição das orações exornativas. Ademais, também levamos em consideração os preceitos da disposição do discurso retórico discutidos por LAUSBERG (2004), e, também, o estudo de CARVALHO (2009), no qual se estabelece importantes considerações sobre o exórdio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O panegírico adom Antônio Luís de Menezes, Marquês de Marialva e Conde de Cantanhede, cuja composição é atribuída ao Frei Antônio Lopes Cabral, e publicado em 1665, é um tipo de discurso poético regrado por convenções ou preceitos retóricos. A organização ou partição desse poema, portanto, obedece à disposição das partes do discurso, a saber: exórdio, proposição, narração, confirmação e epílogo.

O exórdio ou proêmio, segundo Aristóteles (1998), é o início do discurso, por meio do qual se prepara um caminho para aquilo que será abordado nas demais partes da obra. O proêmio é uma espécie de introdução daquilo que se propõe discutir, por meio da qual “[...] deixamos os ouvintes [ou leitores] com boa disposição de ânimo para nos ouvir [ou ler]. É, portanto, empregada para que possamos torná-los atentos, dóceis e benevolentes[...].” (RETÓRICA A HERÊNIO). O exórdio torna o leitor benevolente, dócil e atento quando apresenta, de modo breve e conciso, uma amostra da causa discutida no discurso e também quando, por meio de argumentos admiráveis, conquista a boa disposição para ler atentamente a obra. Para tanto, o “exórdio se pode ordenar de alguma coisa mais insigne, que abra caminho para o restante da Oração [...]” (ALCAÇAR, 1750, p. 42). Segue



um exemplo de como se acomodam esses preceitos retóricos no exórdio do panegírico a Dom Antônio Luís de Menezes:

1.
Generoso Marquez, invicto Marte,
Augusto ser de tronco inaccecível,
Atlante Portuguez, ã em toda a parte
Crédito dais à Patria de invencível;
Convosco meu furor hoje reparte
Do methodo melhor que he possível,
Permiti que esta pena mal limada
Em os fios se apàre dessa espada.

Desde o exórdio, o panegírico já principia a amplificação do valor e da força do caractere agente. Nessa parte do poema, supracitada, utiliza-se a fórmula da rusticidade (*rusticitas*), a fim de, modestamente, enunciar que seu discurso é algo mal polido ou pouco engenhoso para louvar dignamente ao “generoso Marquez”. Com tal artifício retórico, esse poema atrai a atenção e conquista-se a simpatia ou benevolência do público. Deste modo, podemos notar que

[...] na disposição de um discurso reside uma ação artificiosa e que, por consequência, o exórdio é também um artifício retórico, o que significa, como decorrência direta e simples, que apresenta efeitos previstos ao texto que principia. [...] (CARVALHO, 2009, p. 11).

A proposição (*propositio*), por sua vez, é a seção do discurso na qual se “[...] propará claramente alguma coisa admirável, ou quase incrível, insólita, nova, engenhosa, aguda, de que hajas de discorrer[...]” (ALCAÇAR, 1750, p. 43). Nessa parte, especifica-se o modo como será tratada a matéria e, de certa forma, como há de se dispor ou ordenar os argumentos no discurso. Sendo assim, a proposição “[...] tem como função a comunicação daquilo que se quer provar pelo discurso [...]” (LAUSBERG, 2004, p. 92). No panegírico que discutimos no presente trabalho, a função da proposição nos é demonstrada nas estrofes de número 2 e 3, nas quais propõe-se louvar D. Antônio Luís de Menezes por meio de sua comparação com outros grandes guerreiros ou comandantes militares que lhe são semelhantes, a saber, Eneias, Aquiles, Godofredo, Aníbal, Cipião e Viriato. Nesta parte do panegírico, propõe-se, por meio de um tom imperativo de argumentação, realizar algo incrível e admirável, o qual nos faz inferir a convicção da *persona* em tratar a matéria poemática daquela maneira. Essa forma comparativa de abordar a matéria, decerto, é algo arriscado e admirável de se fazer, contudo, a voz enunciativa a obrará



porque as virtuosas e proveitosas ações daquele do qual ela toma partido para louvar é o que conferirá êxito a seu objetivo. Seguem as estrofes nas quais se propõe a isso:

2.

Cesse ja com Virgilio a digna gloria
Que do Teucro gentil divulga a Fama,
Naõlêbre mais do Grego a rara historia
~gem Poemas de Homero se derrama,
Prescreva Gothofredo da memória
~que nas obras de Taço o mudo acclama,
Pois de vosso valor, & heroico braço,
PódẽcãtarVirgilio, Homero, & Taço.

3.

Cessem os de Carthago de jactarse
Do valor de Hannibal tam excelente,
cessem já os romanos de acordarse
Daquele Scipiaõ por eminente,
Não queira Portugal jamais lembrarse
Desse grande Viriato por valente,
Pois hoje vos vè ser o próprio retrato
De Hannibal, Scipiaõ, & Viriato.

Segue-se “[...] à *propositio* uma *narratio* (breve, apropriada ao assunto, clara na ordenação dos pensamentos e possuindo credibilidade, no que diz respeito à *opinio* do juiz) [...]” (LAUSBERG, 2004, p. 92). A narração é a exposição dos argumentos apresentados e divididos na proposição. A narração do panegírico a D. Antônio Luís de Menezes é organizada ou desenvolvida por uma argumentação comparativa, na qual se estabelece a amplificação do caractere agente em relação à digna memória de excelentes heróis do passado, os quais foram elencados na proposição. Essa comparação do encomiado com cada um desses grandes heróis está distribuída em uma sequência de duas estrofes; por exemplo, nas estrofes 4 e 5 comparam-se os virtuosos e memoráveis feitos de Eneias com as façanhas do encomiado, as quais também são dignas de memória; já nas estrofes 6 e 7, compara-se o Marquês com o “esforçado e belicoso” Aquiles; e assim sucede a comparação do caractere agente com os demais guerreiros. No panegírico ora analisado, a comparação ocorre de forma parcial, ou seja, por meio de tal artifício retórico, procura-se aproximar e confrontar os aspectos ou as ações semelhantes das personagens comparadas, como, por exemplo, o valor de um versus o valor do outro, ação de restaurar versus restauração, etc., com vistas à “[...] influenciar o árbitro da situação no sentido da opinião partidária [...]” (LAUSBERG, 2004, p. 103). Segue a estrofe de número 4 do panegírico para ilustrar a amplificação do valor do encomiado perante à memória do valoroso Eneias:



4.

Se de Eneas nos conta o Mantuano,
Que depois desse estrago tam sabido,
A quem lhe deu o ser, do imigo insano,
Em seus hombros livro cõpadecido;
Melhor vosso valor por soberano
Cantàraem seu Poema esclarecido,
Quãdo e riscos vos visse, &etreassõbros
Vossa pátria livrar em vossos hõbros.

Já a confirmação é a asseveração daquilo que propomos, por isso, ela se funda na “[...] Amplificação dos Fatos, a saber: argumentando, e ilustrando aquelas cousas que narramos [...]” (ALCAÇAR, 1750, p. 44). Deste modo, “a *argumentatio* que se segue à *propositio* (ou à *partitio* ou à *narratio*) tem a função de levar a cabo a prova [...]” (LAUSBERG, 2004, p.92) ou aquilo que se objetivaconvencer. A confirmação é uma das partes do discurso retórico que, no caso do panegírico a D. Antõnio Luís de Menezes, vem interligadaà proposição e à narração. A estrofe de número 4, anteriormente citada, é o início da narração, na qual também observamos o funcionamento da confirmação quando, depois de apresentar o valoroso Eneas, a voz enunciativa retifica sua proposição em engrandecer o valor do caractere agente do panegírico em relação à difundida fama de grandes heróis.

O epílogo, por sua vez, é a última parte do discurso retórico, na qual, segundo ARISTÓTELES (1998, p. 224), torna o público favorável para com a causa defendida, amplifica o valor daquilo de que se toma partido, suscita um comportamento afetivo no público, a fim de torná-lo assente com aquilo exposto e também se recapitula, de certo modo, o argumento proposto. Observe-se, a seguir, o epílogo do panegírico, no qual se conclui a argumentação referendando, mais uma vez, o triunfo ou a grandeza do encomiado:



16.

Vencei, Senhor, vencei a Iberia gente,
Triũfai, Señor, triũfai do inimigo ousado
Porque em gente tão varia, & insolête
O mũdo a vossospès vejais prostrado
Conservai o valor do peito ingente,
E veja Portugal que sois soldado,
Pois lhe mostra esse braço furibundo
q̃hũ corte dessa espada, vêchũ mũdo.

CONCLUSÕES

O presente trabalho, deste modo, demonstrou que o panegírico a D. Antonio Luis de Menezes, atribuído a frei Antonio Lopes Cabral, é regido por preceitos retóricos no que diz respeito à sua disposição ou partição do seu discurso.

Ademais, percebemos que tais preceitos retóricos da disposição funcionando no poema estão a serviço de uma melhor organização dos argumentos na obra, a fim de tornar eficaz o propósito desta: engrandecer e perpetuar as virtuosas ações do encomiado perante a memória de antigos heróis, com os quais se assemelha.

Palavras-chave: Retórica. Memória. Panegírico. Disposição.

REFERÊNCIAS

ALCAÇAR, Bartholomeo. **Das especies/invençam, e disposiçam/das oraçoens,/que pertencem ao genero/exornativo**. Lisboa, Manoel Coelho Amado, 1750.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de



Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. Lisboa: INCM, 1998.

CARVALHO, M. S. F. de. **Preambulares do livro seiscentista em Portugal e no Brasil.** Teresina: EDUFPI/FAPEPI, 2009.

[CÍCERO] **Retórica a Herênio.** Tradução e introdução de Ana Paula Celestino e Faria e Adriana Seabra – São Paulo: Hedra, 2005.

LAUSBERG, H. **Elementos de Retórica Literária.** Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.